

“LONGE DOS OLHOS...”: UM CONTO DE MACHADO DE ASSIS

Izabel Cristina Souza Gimenez *

RESUMO: O conto “*Longe dos olhos...*”, de Machado de Assis, até poderia ser tomado como um conto com características românticas, visto que narra uma história de amor, não fosse a crítica à cultura estamental e à cultura patriarcal, manifestada pelo discurso do narrador que expressa juízos de valor sobre o contexto sócio-cultural da época bem como sobre as personagens. Nesta perspectiva, o que se pretende neste trabalho é analisar o discurso do narrador e das personagens, a partir da teoria bakhtiniana sobre o discurso e as vozes históricas e sociais. Contribuirão também para esta análise a discussão realizada por Raimundo Faoro acerca do estamento nas obras de Machado de Assis e os estudos de Gilberto Freyre sobre a família patriarcal brasileira.

PALAVRAS-CHAVE: Machado de Assis, conto, discurso.

ABSTRACT: The tale “*Longe dos olhos...*” (*far from the eyes...*), by Machado de Assis, could be taken as a story with romantic characteristics, therefore it tells a love history, but it is a critic to the stamental culture and the patriarchal culture, which is revealed by the narrator speech that express value judgments on the sociocultural context as well as on the characters. Taking it as a base, this work intends to analyze the narrator and the characters speech using the bakhtinian theory about the speech and the historical and social voices. It will also contribute for this analysis the writings made by Raimundo Faoro concerning the stament in the work of Machado de Assis and the Gilberto Freyre studies about the Brazilian patriarchal family.

KEYWORDS: Machado de Assis, tale, speech

Na concepção de Lima, citado por Lisboa (2003), o conto, de acordo com os modelos europeus, teve sua primeira manifestação no Brasil em *Noites na Taverna*, de Álvares de Azevedo: “Trata-se de uma coletânea de narrativas curtas, unidas entre si pela estrutura em moldura. Essa é representada por uma taverna onde se acham reunidos seis jovens que se embriagam e narram histórias trágicas, marcadas por crimes, incesto, necrofilia e outras situações delirantes.” (LISBOA, 2003, p. 9). Porém, o grande contista da época, que deixou um marco para a posteridade e

* Doutora em Estudos Literários, docente do Curso de Graduação em Letras - *campus* de Marechal Cândido Rondon - da Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

estabeleceu as bases para o gênero no Brasil, foi, sem dúvida, Machado de Assis. Escreveu mais de duzentos contos, com uma grande diversidade de formas narrativas que vão do estilo de Poe, passando por Maupassant, a Tchekhov, portanto, Machado de Assis não foi apenas o brilhante romancista, mas, também, um exímio contista. Ele transitou do conto tradicional ao moderno, sendo possível classificá-lo como um escritor de vanguarda.

Conforme Lisboa (2003) não há como estabelecer um estilo predominante para os contos machadianos, visto que o autor usou de uma grande diversidade de temas e estilos em seus contos: contos de acontecimento, paródias da narrativa popular, contos humorísticos, contos de análise psicológica e de denúncia social.

Com uma temática variada, Machado de Assis soube representar com maestria os problemas sócio-histórico-culturais de seu tempo, tais como a questão do estamento e da cultura patriarcal, assunto que trataremos no conto “Longe dos olhos...”, por meio da análise do discurso do narrador e das personagens, tomando alguns aspectos teóricos de Mikhail Bakhtin. Ainda que este autor trate especificamente do romance, cremos que suas concepções podem, também, ser aplicadas a uma forma narrativa mais curta, como o conto porque, conforme Bakhtin, a linguagem é um instrumento de interação social, visto que:

a palavra penetra literalmente em todas relações entre indivíduos, nas relações de colaboração, nas de base ideológica, nos encontros fortuitos da vida cotidiana, nas relações de caráter político, etc. As palavras são tecidas a partir de uma multidão de fios ideológicos e servem de trama a todas as relações sociais em todos os domínios. (BAKHTIN, 1977, p. 71)

Ainda segundo o autor,

todas as palavras e formas que povoam a linguagem são vozes sociais e históricas, que lhe dão determinadas significações concretas e se organizam no romance em um sistema estilístico harmonioso, expressando a posição sócio-ideológica diferenciada do autor no seio dos diferentes discursos da sua época. (BAKHTIN, 1977, p. 106)

Essa plurivocalidade permite ao prosador fazer soar a sua própria voz e construir o seu estilo. Em virtude disso, há que se pensar na “pessoa que fala no romance” e nas linguagens e vozes que ressoam nesse discurso, pois o sujeito falante é um ser concreto, um homem que ocupa um lugar no mundo, interage com tudo e com todos que o envolvem, possuindo, portanto, uma consciência sócio-ideológica. E será pela palavra, como também pelas ações, que vão eclodir as dúvidas e convicções de quem fala,

portanto, as palavras e as ações subjazem ao contexto social que o circunscribe. O que se percebe, neste sentido, é que a linguagem do romance, nesse caso, o conto, pode encampar os diversos discursos, ideologicamente situados, sejam eles religiosos, políticos ou outros, e representá-los criticamente. É o que faz Machado de Assis neste conto que nos propomos a analisar.

O conto “Longe dos olhos...”, publicado, inicialmente, no *Jornal das Famílias*, no Rio de Janeiro, em 1876, apresenta um narrador cujo discurso permeia a narrativa e conduz as outras vozes, isto é, o discurso dos demais personagens. Este narrador relata a história de dois jovens, João Aguiar e Serafina, cujo casamento fora contratado pelos pais de ambos, sem que estes o consentissem. A situação se agrava porque eles estão apaixonados por outras pessoas, respectivamente, por Cecília e Tavares:

Na verdade, era pena que uma moça tão prendada de qualidades morais e físicas, como a filha do desembargador, nenhum sentimento inspirasse no bacharel Aguiar. Mas não a lastime a leitora, porque o bacharel Aguiar nada dizia ao coração de Serafina, apesar dos seus talentos, da rara elegância das suas maneiras, de todos quantos dotes costumam adornar um herói de romance.

E não é romance isto, senão história verídica e real, pelo que, vai esta narrativa com as exíguas proporções de uma notícia, sem enfeites de estilo nem recheios de reflexões. O caso conto como o caso foi. (ASSIS, 1985, p. 34)

Percebe-se, no discurso inicial do narrador acerca dos jovens, que ele não se posiciona de forma neutra, ao contrário, emite juízos de valor sobre os mesmos, dando a impressão de colocar-se ao lado do poder constituído, haja vista ele sentir-se penalizado por dois jovens, de mesma estirpe e de tão boas qualidades como João e Serafina não sentirem atração um pelo outro. Por outro lado, há um tom irônico que torna o discurso ambíguo: estaria mesmo o narrador ao lado da elite conservadora fluminense da época ou estaria apenas “brincando” com o leitor, já que posteriormente à utilização da expressão “pena”, lastimando que Cecília “nenhum sentimento inspirasse ao bacharel Aguiar”(ASSIS, 1985, p. 34), ele se dirige à leitora, pedindo que ela não lastime o ocorrido, porque a recíproca era verdadeira.

Na ironia está uma das vigas mestras da arte de escrever contos, ressaltada pela urgência do pouco espaço e pela necessidade de que dali o leitor retire algum significado, alguma impressão mais duradoura, sem comprometer a naturalidade dos personagens e sem que o narrador se ponha a dar discursos pedagógicos que o tornariam chato e intrometido. Toda a arte e engenho de Machado está em

tornar natural essa ironia, embora presente em cada parágrafo, em cada frase, palavra. A gente a percebe como uma presença tênue e quase invisível: é mais uma companheira de viagem, silenciosa e discreta. (AGUIAR, 1985, p. 3).

Como bem coloca Aguiar, a ironia estará sempre presente nos textos de Machado de Assis, por meio da qual o sagaz escritor observou e criticou a sociedade da qual ele fez parte. Essa crítica pode ser identificada, principalmente, no discurso do narrador. De qualquer forma, no discurso citado, fica bem definida a classe social dos jovens cuja história ele vai relatar: ela filha de um desembargador e ele um bacharel, filho de um comendador, fato que se evidencia no terceiro parágrafo. O caso em questão remete a pessoas que ocupam lugares importantes em uma sociedade conservadora, estamental, e ainda muito marcada pelas regras da família patriarcal, como era aquela da segunda metade do século XIX.

A questão do estamento e do poder patriarcal não é tratado especificamente no texto, isto é, ela não aparece na superfície. Aparentemente, o tema do conto são as estratégias utilizadas por dois jovens, que amam outras pessoas, para fugirem a um casamento idealizado por seus pais. No entanto, o estamento e o poder patriarcal estão subjacentes no discurso do narrador e é esta a crítica que o discurso realiza, fazendo soar uma voz social que conhece a fundo as questões de sua época. E aqui se pode retomar Bakhtin quando afirma que na linguagem do romance (do conto) convergem vários discursos ideológicos, aos quais o prosador pode representar criticamente.

Assim, conforme Faoro,

Ninguém se engane com o painel aparente da sociedade na obra de Machado de Assis. Enchem a vista do leitor desprevenido as figuras dominantes, barões, conselheiros, comendadores e patentes da Guarda Nacional. Ministros, regentes, barões, perpassam na superfície, sobretudo os ministros, alvo de ambições caladas e de ambições descobertas. Em nível próximo, vêm os banqueiros, capitalistas, fazendeiros e comerciantes. Todos, barões, e capitalistas, conselheiros, comendadores e comerciantes, coronéis e fazendeiros – todos estão, para quem os olha de longe, no ápice da pirâmide, confundidos e misturados, como se fossem membros de uma só confraria.

Nitidamente, há uma estrutura de classes – banqueiros, comerciantes e fazendeiros – sobre outra de titulares, encobrimdo-os e esfumando-lhes os contornos. É a camada da penumbra que decide os destinos políticos, designa deputados e distribui empregos públicos. São as “influências”, os homens que mandam, que se entendem com os executores e dirigentes das decisões do Estado. (FAORO, 2001, p. 14)

Desse modo, percebe-se que estamento é a designação que Faoro dá à classe que verdadeiramente detém o poder, ou seja, aquelas pessoas que, além do dinheiro, “são bem nascidas” e que, influentes, podiam trocar favores entre si. É dessa classe que o Comendador, pai de Aguiar, quer que o filho faça parte, casando-se com Serafina, a filha de um desembargador, como fica exemplificado na citação a seguir:

O comendador Aguiar, pai do bacharel, insistia ainda mais no casamento, pelo desejo que tinha de o meter na política, o que lhe parecia fácil desde que o filho se tornasse genro do desembargador, membro ativíssimo de um dos partidos e por agora deputado à assembléia geral.

O desembargador, pela sua parte achava que lhe não fazia mal nenhum a filha participar da pingue herança que devia receber o filho do comendador, por morte deste. (ASSIS, 1985, p. 34).

Verifica-se aí, o jogo de interesses estabelecidos pelos poderosos, na intenção da manutenção do *status quo*. A classe regulada pelo estamento era uma classe fechada e discriminatória, haja vista que, quando o bacharel comunicou ao pai quem era a mulher que amava e com quem tinha a intenção de casar, ele reage agressivamente:

_ Casar, não é? Perguntou o comendador. Mas tu não vês a impossibilidade de semelhante coisa? Impossível, não digo que seja; tudo pode acontecer neste mundo, se a natureza o pede. Mas a sociedade tem suas leis que não devemos violar, e segundo elas esse casamento é impossível.

_ Impossível?

_ Tu levas-lhe em dote os meus bens, a tua carta de bacharel e um princípio de carreira. Que te traz ela? Nem sequer essa beleza que só tu lhe vês. Demais, e isto é importante, não se dizem boas coisas daquela família. [...]. (ASSIS, 1985, p. 36).

No caso de Serafina o acontecimento não se deu em forma de diálogo, porque, em se tratando de uma mulher, o pai praticamente não perguntava e sim impunha o casamento, visto que, nesse período – o do Segundo Reinado – ainda permaneciam fortes resquícios do patriarcalismo, e Serafina:

não se atreveu a dizê-lo ao pai, mas foi dizê-lo a sua mãe, que não aprovou nem desaprovou a escolha visto que a senhora pensava pela boca do marido, a quem foi transmitida a revelação da filha.

_ Isto é uma loucura, exclamou o desembargador; esse rapaz (o escolhido) é um bom coração, tem carreira, mas a carreira está no

princípio, e demais... creio que é um pouco leviano.

Serafina soube deste juízo do pai e chorou muito; mas nem o pai soube das lágrimas nem que soubesse mudaria de intenção. Um homem grave, quando resolve uma coisa, não deve expor-se ao ridículo, resolvendo outra unicamente levado de algumas lágrimas de mulher.. Demais, a tenacidade é prova de caráter; o desembargador era e queria ser homem austero. Conclusão; a moça chorou à toa, [...]
(ASSIS, 1985, p. 37).

Segundo Gilberto Freyre, no Brasil rural o poder estava concentrado nas mãos dos grandes proprietários, que eram os “donos das terras. Donos dos homens. Donos das mulheres”. (FREYRE, 2000 a, p. 50). Assemelhando-se aos senhores feudais europeus, os senhores rurais brasileiros detinham o poder de vida e de morte sobre a família e todos aqueles – escravos, trabalhadores, agregados – que viviam sob sua tutela. Desse modo, se formaram no Brasil as grandes famílias proprietárias, em cujo centro estava a figura do patriarca – denominação que tem sua origem nos chefes das tribos hebréias do Velho Testamento –, o que significa que as relações de poder no âmbito familiar estavam invariavelmente ligadas à figura paterna. Uma das características do período patriarcal era a submissão feminina, pois, das mulheres do período patriarcal agrário, o que se queria – e, para isso eram educadas – é que fossem frágeis, mansas, e de uma beleza tranqüila. De acordo com Freyre, a preferência era pelo tipo “franzino, quase doente. Ou, então, pela senhora gorda, mole, caseira, maternal, coxas e nádegas largas. Nada do tipo vigoroso e ágil da moça, aproximando-se da figura de rapaz” (FREYRE, 2002 b, p. 125). Segundo o autor, essa preferência encontra explicação nas questões econômicas, isto é, no desejo de não permitir que a mulher adentrasse ao domínio econômico e político exercido pelo homem.

Pode-se ver, nesse caso, como as questões do estamento e do patriarcalismo estavam imbricadas, pois havia a necessidade da concordância dos filhos para que a transação comercial (o casamento) se realizasse e, embora agindo de forma mais amena, já que tratava com o filho, portanto, um homem, o comendador não foi menos duro quando disse a Aguiar que se ele insistisse no casamento com Cecília, não seria mais seu filho. Nesse caso, como observa Bakhtin, o que se tem é a palavra autoritária, já cristalizada, como eram as palavras dos pais, mestres, etc.

No entanto, ainda que o poder patriarcal permanecesse em relação à mãe de Cecília, isto é, uma mulher de uma geração anterior, o que se verifica, no decorrer do conto, é um período já de transição, quando o poder patriarcal começa a perder força e entrar em declínio, conforme demonstra Freyre, citando Sellin:

Sellin assinalou o grande número de moças raptadas dos sobrados e das casas –grandes, na segunda metade do século XIX. Eram moças a quem os pais não consentiam, ou por questão de sangue, ou de situação social, o casamento com homens de sua predileção sexual ou sentimental. Elas, porém, já não se sujeitando, com a doçura de outrora, à escolha de marido pela família, fugiam romanticamente [...]. (FREYRE, 2001, p. 160).

Aguiar, movido pelo impulso romântico e pelo desespero, cogita raptar Cecília, ao que Serafina reagiu com veemência, dizendo-lhe que se o fizesse nunca mais deveria falar-lhe, pois, a essas alturas, os dois jovens já haviam se unido para criar estratagemas para que seus pais desistissem do empreendimento. Por essa época, Cecília estava afastada de Aguiar porque seu pai resolvera passar uns tempos na roça, e Serafina afastada de Tavares porque este resolvera que não mais freqüentaria a casa dela por que o desembargador havia “mostrado má cara nas últimas vezes que ele lá estivera.” (ASSIS, 1985, p. 41).

Desse modo, Serafina e Aguiar comunicavam-se apenas por cartas com seus respectivos amados. Porém, a separação fez com que Serafina e Aguiar passassem a conviver mais intimamente e a perceberem um as qualidades do outro. Daí para o amor foi um passo.

Nesse ponto volta-se à ironia Machadiana na consolação encontrada para os jovens abandonados: “Eu desisto de dizer ao leitor o abalo produzido naquelas duas almas pela *ingratidão* e *perfidia* dos dois felizes namorados. Tavares enfureceu-se e Cecília definiu longo tempo; afinal Cecília casou e Tavares está diretor de companhia.”(Grifos do autor). (ASSIS, 1985, p. 44). Como se vê, houve uma compensação para os desprezados Cecília e Tavares, ou seja, para aqueles que não faziam parte da classe estamental a que pertenciam Serafina e Aguiar. Estes, por sua vez, não fugiram ao seu “destino”, e parece que desmentiram a assertiva de que “dois corpos estranhos se atraem”, no caso deles vigorou o determinismo: dois jovens ricos, bonitos e inteligentes, de mesma estirpe, se atraem. E, se se pode falar que “Longe dos olhos...perto do coração”, pode-se também dizer que “O que os olhos não vêem, o coração não sente.”

REFERÊNCIAS

AGUIAR, Flávio. “Murmúrios no espelho: breve discussão do conto de Machado de Assis.” In. ASSIS, Machado. *Contos*. São Paulo: Ática, 1985, p.5 – 7.

ASSIS, Machado. *Contos*. São Paulo: Ática, 1985.

BAKHHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec, 1997.

FREYRE, Gilberto. *Sobrados e mucambos*. 13.ed. Rio de Janeiro: Record, 2002.

MELLO, Ana Maria Lisboa de. "Caminhos do conto brasileiro." In Ciências & Letras
– nº 34, jul./dez., 2003.